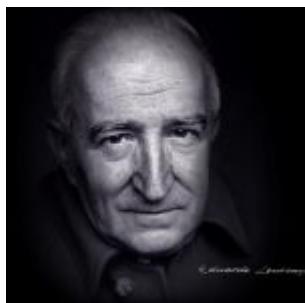


AMIN MAALOUF

(1923 -)



Natural de São Pedro do Rio Seco, aldeia do concelho de Almeida do distrito da Guarda. Com mais de três dezenas de títulos originais, Eduardo Lourenço tem-se destacado, no panorama da literatura e do pensamento em língua portuguesa, como filósofo e ensaísta.

O tema da Europa ocupa, desde sempre, um lugar relevante na obra literária lourenciana, como assinalaram, entre outros, Miguel Real e João Tiago Lima. Podemos mesmo afirmar que pertence a um dos capítulos principais das chamadas “mitologias lourencianas” (Cruzeiro 1997: 76). No ensaio sintomaticamente intitulado “Europa ou o diálogo que nos falta”, do livro de estreia *Heterodoxia* (1949), o jovem filósofo situa a Europa no centro da História e da Cultura ocidentais, apontando já, porém, para o facto de a sua solidez de outrora se encontrar “fragmentada caoticamente” (1987: 11). Uma outra característica do ensaísmo lourenciano é refletir a posição de Portugal – quase sempre em conjunto com a vizinha Espanha – em relação à Europa para lá dos Pirenéus, aí evidenciando o papel da França que, sobretudo a partir da Geração de 70, se transmuda em paradigma cultural e civilizacional. São os tempos da “jangada de pedra” da visão ibérica lourenciana. A ausência de diálogo com a Europa, indicada no título do ensaio inaugural, interage com o diagnóstico negativo sobre a cultura portuguesa no concerto das nações europeias mais evoluídas, posição marginal que espelha a “existência crepuscular” de Portugal nos últimos quatro séculos. Na perspetiva de Eduardo Lourenço, a Europa encontra-se entre parêntesis da II Guerra Mundial em diante, dividida na ordem política, militar e geográfica estabelecida pelas duas superpotências do tabuleiro mundial: os Estados Unidos da América e a antiga União

AMIN MAALOUF

Soviética, pelo que também o epicentro cultural se deslocou do espaço europeu, nomeadamente da França, para o “americano-Occidental” (vd. 1990: 54). É o tempo da Europa desencantada e sem um mito orientador nem uma ideologia preponderante.

Para Eduardo Lourenço, a marginalização peninsular inicia-se verdadeiramente no tempo de Voltaire e Montesquieu. No período anterior, o de Descartes e Pascal, entende que o espaço e o tempo ibéricos de Cervantes, Quevedo, Gracián e Vieira dialogam ainda com a Europa transpirenaica, sem qualquer ressentimento ou emulação. São as duas culturas ou “as duas razões” – cartesiana e barroca – do ensaio “Nós e a Europa ou as duas razões” que dá o título à sua primeira coletânea de ensaios sobre o diálogo de Portugal (e de Espanha) com a outra Europa: a de Descartes, Hume e Kant. Estamos, afinal, perante duas visões separadas geográfica e culturalmente, mas que ainda “comunicam entre si como nunca mais comunicarão, enquanto dupla resposta a uma só crise de imagem tradicional do mundo, a da imagem *realista* herdada da Idade Média.” (*idem*: 63). Na análise de Eduardo Lourenço torna-se, porém, notório o antagonismo entre a Europa da Reforma, com as suas “luzes” e o saber científico, e a da Contrarreforma, “*menos luminosa* e, nos momentos mais pessimistas, [observada] como quase ‘ausência de luz’” (*idem*: 61).

O fim da Europa enquanto potência mundial surge, para Eduardo Lourenço, em Suez “sob o duplo *ultimatum* dos Estados Unidos e da União Soviética” (2001: 34). Com a espantosa derrota do Bloco de Leste, liderado pela União Soviética, derrota marcada simbolicamente pela derrocada do Muro de Berlim, em 1989, a Europa transmuda-se num continente crepuscular e, “pela primeira vez, desde a Revolução Francesa, [num] continente sem ideologia.” (*idem*: 132). O desaparecimento do Império Soviético e a implantação da *pax* americana marcam o fim de um mundo e, sobretudo, de uma utopia que alimentou uma parte considerável do pensamento ocidental do século XX, anunciando uma nova ordem e exacerbando o papel marginal da Europa após a invasão do Koweit por Saddam Hussein. A vitória norte-americana na Guerra do Golfo não clarificou, nem muito menos apaziguou a crise do Próximo Oriente. Comprovou somente, se dúvidas houvesse, que não é possível traduzir a democracia ocidental, em versão americana, para língua árabe.

AMIN MAALOUF

A Guerra do Golfo foi, então, o “segundo Suez da Europa”, como assinala o título de um brilhante ensaio de Eduardo Lourenço. Este conflito provocou a “*maior derrota da Europa – de toda a Europa, de Lisboa a Moscovo – desde a tomada de Constantinopla*” (*idem*: 22-23) que nele tomou parte apenas para servir os “donos do jogo” norte-americanos na sua cruzada sem qualquer sentido. Ora o “‘tempo’ islâmico é um tempo longo. Longa é a memória – falsa e verdadeira – de esplendores abássidas, hoje obsessivos para milhões de muçulmanos partilhados entre a natural reivindicação da sua dignidade e o ressentimento. Foi nessa engrenagem, deles melhor conhecida do que dos americanos, que muitos europeus hesitaram em meter os dedos. É de temer que tenha sido um gesto inútil e que daqui em diante a espiral do ressentimento islâmico se transforme num pesadelo para o mundo ocidental como se voltássemos, de tapete voador, aos tempos de Saladino ou Solimão II.” (*idem*: 72). Contrariamente ao amigo Vergílio Ferreira, que defendeu, desde a primeira hora, a intervenção americana no longínquo Koweit, o autor de *Nós e a Europa ou as Duas Razões* analisou doutro modo o “tempo islâmico” e as consequências que a humilhação infringida ao Iraque pelos Estados Unidos da América provocarão no espaço europeu. Os atuais atentados terroristas, sem ética e sem nenhuma ligação possível com o niilismo – atentados perpetrados, no coração da Europa, sob a bandeira negra do Daesh –, e os milhares de refugiados que todos os dias procuram um porto seguro nos principais países europeus vão ao encontro, infelizmente, dos trágicos prognósticos formulados por Eduardo Lourenço imediatamente após o ultimato norte-americano a Saddam Hussein em 1990.

O autor de *A Europa Desencantada* observa ainda, com apreensão, os novos perigos que a Europa enfrenta. Os nacionalismos emergentes, dentro e fora do espaço europeu comunitário, a revolução biológica e, sobretudo, a “peste branca” assente num “reflexo suicidário antinatalista [que tem atualmente] proporções catastróficas” (*idem*: 40), em conjunto com a revolução tecnológica que vem preparando uma futura “legião de desempregados” (*ibidem*), oferecem ao espaço europeu uma “atmosfera de ‘fim do mundo’ ou promessa de outro em relação ao qual nós temos já a consciência de ser meros ‘mutantes’” (*idem*: 40-41).

AMIN MAALOUF

De qualquer maneira, Eduardo Lourenço é um europeísta convicto e um defensor da construção europeia, sempre presente no seu discurso mítico. Por isso considera que “não se vive em parte nenhuma do mundo melhor do que na Europa (...) e isto a todos os níveis.” (2014: 119-120). A Europa e a sua cultura de inquietação, “da angústia e da dúvida” (*idem*: 159) continuam a ser, pois, apesar da carência de mitos contemporânea e das constantes ameaças ao espírito europeu, o espaço por excelência para a liberdade e para a reflexão do lugar do homem no mundo e no seu tempo. Resta-nos, pois, celebrar Camões, Montaigne, Shakespeare, Kierkegaard, Pessoa, Camus, entre tantos outros luminares do contentamento europeu e aceitarmos “o risco de ser ‘europeus’, de uma nova espécie, cidadãos de uma Europa mediadora e aberta sobre o mundo porque dona em sua casa.” (2001: 31).

Antologia breve

“Por isso a primeira e fundamental das exigências do espírito europeu é a liberdade. Fundamento concreto da possibilidade de actos humanos valiosos, a liberdade é a própria forma da exigência humana quando pode dispor conscientemente da mesma. Os sofistas, obscura ou claramente interessados na defesa de qualquer espécie de tirania, acharam sempre oportuno afirmar, como o Trasímaco da República ou o inesquecível Caliclés do *Górgias*, que a liberdade é um conceito vazio de sentido. Aterrorizados mentalmente com a tensão de grandeza implicada no seu exercício, preferem negá-la. Mas nenhuma tirania foi jamais suficientemente honesta ou forte, para confessar em público aos seus súbditos que eles não são livres.”

in *Heterodoxia I & II* (1987:12).

“o que é a Europa? Enquanto realidade política, quase nada, enquanto realidade cultural, quase tudo. Mas a fórmula podia inverter-se: enquanto realidade política, alguma coisa, enquanto realidade cultural, quase nada. Neste último caso, a fórmula supõe um acrescento: é enquanto ‘realidade cultural’, comunitariamente participada, que a Europa é (ainda) pouca

AMIN MAALOUF

coisa. (...) se esse espaço não for o de uma cultura que mereça ainda ser chamada, vivida e desenvolvida como *cultura europeia*, isso significaria que a Europa será um envólucro vazio, uma realidade sem alma, nem memória. Uma Europa cortada da sua relação com os valores culturais que criou, indiferente à sua herança e à sua riqueza cultural, será apenas uma Disneylândia para a nossa pseudo-infância de europeus.”

in *Nós e a Europa ou as Duas Razões* (1990: 157)

“Cercado como a antiga Jericó, Saddam Hussein já devia ter caído. Mas se não cair ‘de dentro’ – o que os Estados Unidos esperam desde Agosto – o famigerado ‘carrasco de Bagdad’ cairá como um herói do mundo islâmico, Saladino e D. Sebastião ao mesmo tempo. *Má* para o Ocidente, que assume minimamente as razões pelas quais está no Golfo, a causa de Saddam Hussein é *boa* para o islão. E nisto reside a tragédia, não só política e militar desta ‘guerra branca’, mas a tragédia cultural, a de um absurdo, por evitável, alargamento do fosso que historicamente tem separado o Ocidente do islão. E isto, precisamente numa altura em que o dito ‘Ocidente’, fora do seu tesouro, não sabe quem é, nem onde está. Mesmo nos seus mais condenáveis ou catastróficos confrontos com o islão, o Ocidente sabia, ao menos, porque estava lá, em Jerusalém, em Tunis, em Tânger, em Alcácer Quibir, em São João d’Acre.”

in *A Europa Desencantada* (2001: 65)

Bibliografia ativa selecionada

LOURENÇO, Eduardo (2001), *A Europa Desencantada*, Gradiva.

— (1990), *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, 3.^a ed., Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

— (1991), *L’Europe Introuvable – Jalons pour une mythologie européenne*, Paris, Éditions A.M. Métailié.

AMIN MAALOUF

— (1987), *Heterodoxia I & II*, Assírio & Alvim.

Bibliografia crítica selecionada

BAPTISTA, Maria Manuel (2003), *Eduardo Lourenço – A Paixão de Compreender*, Edições Asa.

CRUZEIRO, Maria Manuel (1997), *Eduardo Lourenço – O Regresso do Corifeu*, Lisboa, Editorial Notícias.

LETRIA, José Jorge (2014), *Eduardo Lourenço: A História é a Suprema Ficção* – entrevista de José Jorge Letria a Eduardo Lourenço, Guerra e Paz.

LIMA, João Tiago (2013), *Falar Sempre de Outra Coisa – Ensaios Sobre Eduardo Lourenço*, CEI / Âncora Editora.

REAL, Miguel (2008), *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa*, Quidnovi.

Jorge Costa Lopes

Como citar este verbete:

LOPES, Jorge Costa (2017), “Eduardo Lourenço”, in *A Europa face a Europa: prosadores escrevem a Europa*. ISBN 978-989-99999-1-6.

<https://aeuropafaceaeuropa.ilcml.com/pt/verbetes/eduardo-lourenco/>